

Entre a música na escola e o som das ruas

por Grazieli Gotardo



Heine Wentz: "Ainda existem preconceitos em relação à música como profissão, e eu tento passar que ela é uma boa opção"

Inicialmente, ser professor não estava nos planos do musicista Heine Wentz, mas foi um desafio que apareceu em sua vida um ano antes de terminar a faculdade de Música, da Ufrgs, e já faz parte da rotina há 17 anos. Além de ensinar, ele também busca passar aos alunos o que a música representa socialmente.

"Ainda existem preconceitos em relação à música como profissão, e eu tento passar que ela é uma boa opção. Acredito na música e apoio quem quiser seguir esse caminho", afirma. Heine, que também toca e ensina bandolim, leciona para quase todas as idades, iniciando com crianças de sete anos até seu estudante mais velho, de 65 anos. Ele destaca que procura entender o significado da música na vida de cada um. "Sei que é clichê, mas aprendo muito com meus alunos, pois aprender e ensinar é inerente", exalta.

Nascido em Salvador do Sul, aos 13 anos começou a viajar para estudar violino na Fundação Municipal de Artes - Fundarte, de Montenegro, local onde passou toda sua adolescência mergulhado em um ambiente de arte. A escolha pela faculdade de Música foi natural, e hoje ele ensina violino no Colégio Pastor Dohms, em Porto Alegre, e na Fundarte, além de ser integrante da banda BlueGrass Porto-Alegrense, conhecida pelas apresentações de rua em locais de grande circulação, na capital gaúcha.

Com formação musical erudita, Heine sempre buscou inserir o violino nos estilos

mais populares, que também gosta de ouvir. Já participou de diversos grupos como Kid Cegonha & Crazy Country Band; Orquestra de Câmara Sesi/Fundarte, e Orquestra de Mantras Rudrāksha. Desde 2006, faz parte da banda BlueGrass Porto-Alegrense, que toca o estilo de mesmo nome, com origem norte-americana, influenciado pela cultura de imigrantes escoceses, irlandeses e afro-americanos.

Além de Heine (violino e voz), a BlueGrass é formada por Marcio Petracco (bandolin e voz), Ricardo Sabadini (violão e voz) e Pedro Marini (contrabaixo e voz). As apresentações são essencialmente acústicas, com apenas um microfone para todo o grupo. Outra característica da banda é se apresentar nas ruas de Porto Alegre. Com frequência, eles podem ser vistos e ouvidos na Rua da Praia e no Brique da Redenção.

O gosto por tocar nas ruas surgiu quase que espontaneamente no grupo, que gosta da liberdade oferecida pelo espaço público, mas também faz shows contratados em eventos e participa de festivais. "Ao tocar na rua, a gente dá a cara a tapa para um público diferente. Tenho observado um crescimento dos artistas de ruas em Porto Alegre nos últimos anos", afirma Heine. Com dois CDs lançados e uma vendagem expressiva, que já ultrapassa 30 mil CDs vendidos de forma totalmente independente, a BlueGrass foca em músicas tradicionais do estilo, mas também possui composições próprias.

PALAVRA DE PROFESSOR

por Marcelo Frizon

Professor de Língua Portuguesa e Literatura

Outra prova, por favor?

Muitas famílias encaram a escola como principal responsável pela educação de seus filhos. Nada mais natural, já que boa parte das crianças e adolescentes passa mais tempo com colegas e professores do que com seus pais. Mas essa teceirização tem se expandido: psicólogos e professores de natação, de música e de línguas estrangeiras têm assumido tarefas que já são comuns na vida de professores escolares. E, assim como estes, estão abraçando tarefas que antes eram dos pais. Agora, até advogados também estão participando da educação dos filhos de seus clientes.

No ano passado, um professor de um tradicional colégio particular de Porto Alegre pegou um aluno colando durante uma prova. Retirou a prova e deu zero para o aluno, situação relativamente comum no ambiente escolar. No fim da manhã, estava lá na escola o advogado da família para resolver a situação. Os pais não estavam presentes. Apenas o advogado, numa evidente tentativa de intimidação contra a escola, mas, sobretudo, contra o professor. No momento em que pais não assumem a sua responsabilidade na construção da identidade de seus filhos, a escola sente-se sem apoio. Qualquer professor já ouviu de seus coordenadores e supervisores educacionais que determinado aluno é desamparado, que a família não se preocupa com ele, que os pais não sabem o que fazer para ajudar o filho, etc. Mas no momento em que a família sente que um ato de corrupção do filho precisa ser resolvido da mesma forma como são resolvidos os atos de corrupção de nossos políticos, compreendemos que sociedade estamos formando e por que estamos onde estamos.

Se a escola não ampara o professor numa situação como esta, o que resta ao professor? Sob esse ponto de vista, ele seria a maior vítima. Não é difícil imaginar como acabou o caso relatado acima. O trabalho do professor acaba sendo desvalorizado pela própria escola onde trabalha. Muitos aceitam preparar uma nova prova porque a direção da escola concordou em dar uma nova chance ao estudante. Se não acatar o pedido da escola, o professor acabará demitido.

Mas a verdadeira perversidade de uma situação assim não atinge exclusivamente o professor. De fato, ele é quem fica desmoralizado. No entanto, quem sofre mais é o aluno. Inicialmente, não é fácil perceber, mas é o aluno que está aprendendo que sempre é possível resolver algo grave. No futuro, quando ele queimar um índio ou atropelar um ciclista, algum advogado aparecerá para propor uma pena alternativa e algum juiz acatará o pedido. Possivelmente, eles terão sido colegas na escola que lhes ensinou que, se colassem, poderiam fazer outra prova.

Os artigos para essa seção devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 2.300 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinprors.org.br.

A seção Intervalo se propõe a revelar o perfil humano dos professores ao relatar experiências de educadores que desenvolvem atividade diversa da docência, seja de forma profissional ou como passatempo. Envie sua sugestão aos editores: extraclass@sinprors.org.br.